FERREIRA, Alice Maria Araújo; GOROVITZ, Sabine. A Tradução tem o potencial de uma crítica política - Entrevista com Alexis Nouss. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-26, 2021. e-ISSN: 2316-6614.
DOI: doi.org/10.26512/belasinfieis.v10.n4.2021.36758
Recebido: 03/03/2021 Aceito: 05/03/2021 Publicado: 17/11/2021

A TRADUÇÃO TEM O POTENCIAL DE UMA CRÍTICA POLÍTICA[1] - ENTREVISTA COM ALEXIS NOUSS

LA TRADUCTION POSSEDE LE POTENTIEL D'UNE CRITIQUE POLITIQUE - ENTRETIEN AVEC ALEXIS NOUSS

TRANSLATION HAS THE POTENTIAL OF A POLITICAL CRITIQUE - INTERVIEW WITH ALEXIS NOUSS

Entrevista realizada por:
Revisão de tradução realizada por:

Alice Maria Araújo FERREIRA
Professora associada
Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução
Brasília, Distrito Federal, Brasil
lattes.cnpq.br/9748926083860842
orcid.org/0000-0003-4113-1173
sabinegz@gmail.com

Sabine GOROVITZ
Professora associada
Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução
Brasília, Distrito Federal, Brasil
lattes.cnpq.br/1128682155965179
orcid.org/0000-0001-5148-7785
sabinegz@gmail.com

Traduzido por:

Camila Côrtes da SILVA
Graduanda em Letras – Tradução /FR
Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução
lattes.cnpq.br/9234042747358455
orcid.org/0000-0002-4503-2001
camilacortesilva@gmail.com

Amanda Aguiar de Castro SANTOS
Graduanda em Letras – Tradução /FR
Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução
lattes.cnpq.br/5440201556964979
orcid.org/0000-0003-0918-2667
amanda.acs@live.com

Valentina Maciel Boscheti LEITE
Pesquisadora independente
Brasília, Distrito Federal, Brasil
lattes.cnpq.br/0984690290106372
orcid.org/0000-0002-4579-4700
valentina.leite.76@gmail.com

Jéssica Melo de MORAIS
Graduanda em Letras – Tradução /FR
Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução
http://lattes.cnpq.br/4305687052280361
https://orcid.org/0000-0003-4236-4999
jessicasofiem@gmail.com

Stephanie Ferreira MARQUES
Graduanda em Letras – Tradução /FR
Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução
http://lattes.cnpq.br/7623960183992285
orcid.org/0000-0002-1571-7448
stephanieunbb@gmail.com

Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Alexis NUSELOVICI (NOUSS) é professor de literatura geral e comparada na Universidade de Aix-Marseille, depois de ter sido professor na Universidade de Cardiff e na Universidade de Montreal. Foi professor visitante no Brasil, Turquia, Espanha e França. Membro de várias equipes de pesquisa internacionais, ele criou o grupo de pesquisa "POEXIL" no Canadá e o "Cardiff Research Group on Politics of Translating" na Grã-Bretanha. Ele dirige o grupo "Transpositions" no *Centre Interdisciplinaire d'Étude des Littératures d'Aix-Marseille* (CIELAM) e é titular da cathedra "Exile et migration" no *Collège d´études mondiales* (*Fondation Maison des Sciences de l´Homme*, Paris). Os seus campos de investigação e reflexão dizem respeito em particular às dimensões filosóficas e políticas da tradução, a experiência exílica, a cultura europeia, a literatura do testemunho, as problemáticas da mestiçagem, as estéticas da modernidade. Entre suas obras: *Plaidoyer pour un monde métis* (2005); *Paul Celan. Les lieux d´un déplacement* (2010); *La condition de l'exilé. Penser les migrations contemporaines* (2015). Bem como: *Between Urban Topographies and Political Spaces: Threshold Experiences*. Washington DC, Lexington Books, 2014, que assina com M. Ponzi e F. Vighi. E muitos artigos como, por exemplo: "Poétique de la migrance", Revue TDC (Réseau Canopé), n. 1105: "Quitter son pays", 2016; "Enjeu et fondation des études exiliques ou Portrait de l'exilé", *Socio*, n. 5, 2015; "The Exilic City", *Speaking Memory : How Translation Shapes City Life* (S. Simon, ed.), Montréal : McGill-Queen's Press, 2016 ; "Atypologie des non-lieux", *Glossaire des mobilités culturelles* (Z. Bernd and N. Dei Cas, eds.), Bern : Peter Lang, 2014.

A entrevista ocorreu por videoconferência em 2 de julho de 2020, em plena pandemia da covid-19. A conversa começa com considerações sobre o momento vivenciado atualmente no mundo e as suas repercussões tanto no ensino, quanto nas relações sociais e intersubjetivas. Alexis Nouss nos relata o seu trabalho na associação AGIR e denuncia as políticas atuais da França relativas ao acolhimento de migrantes, sobretudo em relação à OFPRA[2]. Ele também referencia certos autores que considera fundamentais para uma reflexão sobre a tradução, entre eles Lévinas e Benjamin; e antecipa, toda tradução é uma transformação, uma forma de estar *com* o outro, de estar ao lado do outro. As reflexões de Alexis nouss sobre a migração, a condição do exilado et a filosofia da tradução trazem para as questões éticas e políticas da tradução um olhar singular a partir do intraduzível, da mentira, do segredo da alteridade (sua opacidade diria Glissant). Desejamos uma agradável leitura em sua companhia.

FERREIRA, Alice Maria Araújo; GOROVITZ, Sabine. A Tradução tem o potencial de uma crítica política - Entrevista com Alexis Nouss. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-26, 2021. e-ISSN: 2316-6614.
DOI: doi.org/10.26512/belasinfieis.v10.n4.2021.36758

Sabine: *Estamos muito felizes de recebê-lo para esta conversa, apesar da situação que vivemos hoje no mundo inteiro, a pandemia da covid. Nós o agradecemos por ter aceitado nosso convite, é realmente um prazer.*

Alexis: Acredito, justamente, que é muito importante começar a partir da nossa situação atual, ou seja, uma entrevista ao mesmo tempo monitorada, oficial – entre universitários[3] de boa companhia – e extremamente íntima. Pois imagino que não seja uma sala universitária que vos serve de plano de fundo, para nenhuma de vocês duas, como tampouco é uma sala universitária que me serve de plano de fundo. Eu decifro os seus rostos com as gravuras ou pinturas ou painéis que estão atrás de vocês. Eu não posso separar os dois planos. É evidente que se houvesse atrás de vocês simplesmente um espaço universitário neutro, até mesmo a percepção dos seus rostos e as suas percepções do meu seriam diferentes. Haveria aí um fenômeno de tradução, uma vez que a tradução nunca se faz fora de um contexto. Ao contrário, seguindo Lévinas, que faz do encontro do rosto em sua imediatez a verdadeira relação com o outro, e examinando as circunstâncias, pelo fato de não perceber e sentir diretamente a presença dos seus corpos, não sentir a atmosfera, não ouvir os sons ao seu redor, poderíamos concluir que a nossa entrevista é acompanhada de uma recusa da alteridade ou, ao menos, de uma incapacidade de a reconhecer. A tela nos revela, em primeiro plano, e ao mesmo tempo nos protege, nos afasta. Trata-se de um fenômeno sobre o qual temos que refletir, uma vez que a covid nos obrigou a lidar com essas realidades tecnológicas.

Por exemplo, a maioria das universidades francesas impuseram, no início do período letivo de setembro de 2020, o tele ensino, que chamamos por meio do neologismo de "distancial", para fazer par com "presencial". "Presencial" é, de antemão, um barbarismo; mas "distancial" é um neologismo formado a partir de um barbarismo. Dessa forma, é um neobarbarismo ou um bárbaro-neologismo, como quiser. Para além do léxico, o processo é violento porque nos obrigara a adotar um dispositivo semiótico sobre o qual absolutamente não refletimos. Eu não condeno o dispositivo, indispensável na situação pandêmica, mas eu observo a ausência de um mínimo de concertação e reflexão coletiva.

Por um lado, o ensino por telas interpostas poderia ser um fenômeno de tradução, por outro, não é nem um pouco. Em termos técnicos, é apenas transcodificação, já que a imagem, o som, tudo é transcodificado em um sistema binário e depois transmitido etc. Uma transcodificação, não uma tradução. Ao mesmo tempo, em termos pedagógicos, poderia ser considerado como um processo de tradução, uma forma de ensino que eu deveria traduzir.

Sendo toda tradução uma transformação, eu teria transformado o meu ensino habitual para fazer algo diferente. Vão me deixar fazer isto? Eu tomo a liberdade de fazê-lo. Mas o que se espera é um ensino clássico, sem interação específica com os estudantes, sem inovação. Um ensino simplesmente transcodificado e, além disso, um ensino controlável, uma vez que, por exemplo, podemos verificar a hora em que estou conectado, a hora em que os estudantes se conectam, a hora em que me desconecto, os trabalhos submetidos etc. Temos aqui um fenômeno totalmente paradoxal: uma tecnologia apta a traduzir, que permite traduções totalmente inéditas – nossa entrevista, de um lado a outro do oceano, de uma parte a outra do fuso horário – e a recusa de inventar graças a ela. Nos servimos dela para simplesmente normalizar algo que não é normal.

Há um grande princípio que vi surgir durante a emergência desta crise, ao menos na França: o princípio da normalização. Parece que estamos tentando negar o lado extraordinário, excepcional, do que está acontecendo. Para mim, sobretudo, percebo, sinto a morte em massa. 500 mil mortos e ainda mais no mundo, 500 mil que simplesmente não deveriam ter morrido. Esse número de indivíduos que não deveriam ter morrido é uma morte em massa, o equivalente a um genocídio ou a um terremoto. Ora, a palavra de ordem reclama esse princípio da normalização, batizado na universidade de "continuidade pedagógica". Como posso, como pedagogo, assegurar uma continuidade quando, precisamente, o período em que vivemos é totalmente anormal e ilustra uma descontinuidade absoluta? Por detrás desse paradoxo, uma grande relutância ou mesmo uma covardia. Os reflexos das populações durante a guerra: "Não tem problemas. A gente se vira. Com os alemães, a gente se acomoda. Estamos acostumados". Mas os alemães, durante a última guerra, não eram alemães, eram nazistas. Com os nazistas, a gente se acomoda? Mais de 90% dos franceses se acomodaram. Durante a ditadura no Brasil, nos acomodamos – perdoe a audácia desse julgamento. Mas não bastava que os dirigentes concedessem uma dose de futebol e de samba para que a ditadura fosse ignorada? Na Europa, há cerca de dez de anos, mais de 30 mil mortos no Mediterrâneo, migrantes mortos porque queriam viver e a rica sociedade ocidental não os quis, nos acomodamos.

Esse princípio de normalização é, para mim, insuportável, inaceitável. Intelectualmente, eu o combato – para além de toda preocupação moral, já que o trabalho do intelectual é pensar o que não é normal ou, mais precisamente, pensar o que é anormal na normalidade, quando a ideologia tenta impor a ideia de normalidade com slogans, princípios, prescrições etc. O intelectual como tocador de alarme, lançador de alertas, alarmes de incêndio. Walter Benjamin diria: "Cuidado, pode não ser assim tão normal". A atual vitória do princípio da normalização

FERREIRA, Alice Maria Araújo; GOROVITZ, Sabine. A Tradução tem o potencial de uma crítica política - Entrevista com Alexis Nouss. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-26, 2021. e-ISSN: 2316-6614.
DOI: doi.org/10.26512/belasinfieis.v10.n4.2021.36758

exige um olhar crítico severo, pois onde se poderia inventar, ele incita a reproduzir o que existia antes. Em outra perspectiva, diremos que não inventar nada é não aprender da história. Não somente da memória histórica, mas também da história a se fazer.

Tal atitude é, ao mesmo tempo, intrigante e insuportável em relação a todas as referências históricas já evocadas. Eu não compreendo a recusa por inventar. Nós estamos, sem dúvida, diante de um uso que poderia se tornar contínuo, habitual: a tele conversa, o tele ensino... Vamos dispor disso, mas o fazemos? Eu não tenho certeza. Um exemplo: eu me dirijo a dois ou três rostos no monitor... eu me dirijo a quem? É muito difícil se dirigir a três pessoas ao mesmo tempo, como se sabe. Em condições normais, como professores, fixamos um ou uma estudante, depois, nos dirigimos a outro, a outra. Avancemos com a análise em torno de um conceito de Jacques Derrida, o de *destinerrance* (destinerrância). Eu mando uma carta. Essa carta, normalmente, tem um destino, mas ela pode chegar a outro; para isso basta que um carteiro se engane ou que o endereço esteja errado. Há, portanto, mesmo no significado aparentemente claro do termo destino algo totalmente incerto. A videoconferência nos obriga a praticar um modo de enunciação em que sei que devo me certificar de que falo com várias pessoas ao mesmo tempo. Daí o abandono necessário do princípio do diálogo, tomado na sua pureza conceitual. Não posso dialogar, sou obrigado a poli-logar. Consigo fazer isso? Creio que não, pois temos os nossos hábitos. Mas o exercício deveria me incitar a fazê-lo, fazer vaguear a minha palavra entre os destinatários que sei serem plurais. Refletir sobre tradução nos obriga a refletir sobre essas adaptações permanentes, e penso que a 5ensa5riza5a contemporânea – que nos ensinou a despedaçar ou arranhar o mito da reprodução fiel, o dogma da transmissão transparente e da comunicação imediata – é eminentemente política. Pois ela enfrenta a ascensão dos conservadorismos, para não dizer a ascensão dos neofascismos e do nada novo fascismo, que fazem justamente questão de conservar idêntico e para toda a eternidade. A tradução de um texto nunca será única pois ela é entendida, de imediato, como plural: quantas traduções da Bíblia, de Shakespeare ou de Flaubert? Tradução e história mantêm um laço de concomitância inesgotável. Ora, a ideologia reinante, que se pôde chamar de "5ensa5riza5a", tende a ignorar o sentido da história e, por conseguinte, leva a não reconhecer uma situação de excepcionalidade – que é, por exemplo, o nosso no tempo da covid.

A tradução tem o potencial de uma crítica política. A covid não se traduz, ela se reproduz identicamente por todos os lados, uma espécie de máquina de reprodução. A covid na China, no Brasil ou na França é o mesmo vírus. Em contrapartida, quando o fenômeno da tradução como resistência aparece – fenômeno que a 5ensa5riza5a teorizou no domínio literário

FERREIRA, Alice Maria Araújo; GOROVITZ, Sabine. A Tradução tem o potencial de uma crítica política - Entrevista com Alexis Nouss. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-26, 2021. e-ISSN: 2316-6614.
DOI: doi.org/10.26512/belasinfieis.v10.n4.2021.36758

-, é ao constatar que, em função das nossas culturas, em função das nossas histórias, em função das nossas ideologias, em função das nossas religiões, a resposta à covid é diferente. Prova disso é a África, que reage, que resiste, sem nenhuma medida em comum com tudo o que está sendo feito no Ocidente, na América do Norte, na América do Sul ou na Europa. A situação sanitária compartilhada vem se traduzir de forma diferente. Tradução no sentido metafórico? Não, pois a tradução é tanto um olhar sobre as práticas do mundo quanto uma prática, linguística ou semiótica. Sem negar a tragédia, uma metaforização é possível em torno da covid. O intelectual é também aquele que deve traduzir o evento, o metaforizar. O evento não pode ser pensado; por definição, o evento é o que surgiu, o que não foi antecipado, que é imprevisível. Por outro lado, podemos 6ensa6riza-lo para, em seguida, 6ensa-lo. Pois, em princípio, eu não consigo pensar a covid, nem na sua realidade científica – não sou biólogo -, nem na fenomenológica. Fico na sideração. No Brasil, eu não sei, mas a França tem vivenciado uma constante inflação discursiva. Cada um propõe a sua explicação sociológica, política, econômica etc. A sideração é útil, interrompe o pensamento, obriga a traduzir para depois pensar. Traduzir, quer dizer, passar ao lado, ("passer à coté"). *Off* em inglês.

Traduzir é estar *off* em relação a um texto, tanto quanto se pode estar em relação a uma instituição ou cultura. Ao mesmo tempo, estar ao lado e manter um relacionamento dialético – eu não estou de frente a, eu estou ao lado; e estar ao lado significa possuir meu caminho, minha história, minha memória, minha cultura, ao mesmo tempo, estar em... Estar no que acontece com o outro, que aconteça comigo também. Eu acredito que isso é traduzir. Algo aconteceu com o outro que fez com que um texto fosse produzido e eu devo partilhar essa experiência a partir da minha própria experiência. *Off*. Em francês, não posso traduzi-lo, porque se eu disser *à coté* (ao lado), a palavra produz uma semântica geradora da ideia de secundariedade. Mas em Avignon, o "festival *off*" não é menos interessante do que o festival oficial. Não sei se o português permite traduzir este *off* melhor que o francês.

O paralelismo também não molda o *off*. Retomemos *avec*, em português, a conjunção "com". Em francês *avec* vem do *apud* latino que significa *à coté de* (ao lado de), retém-se a ideia, mas acrescenta-lhe uma noção de cooperação, de negociação, de colaboração, um trabalho comum. Nesse sentido, eu estou *com* aquele que escreveu. Ser tradutor é estar *com*. Eu não estou contra ele, não estou na frente dele, estou com ele. Alguém sofre uma provação: compaixão, simpatia, sofrimento compartilhado. "- Estou com você. – Não, você não está comigo e, no entanto, pode ser que sim". A tradução exige a capacidade de estar *off*, de estar com.

Sabine: *Tal colocação se aproxima do pensamento de Derrida, sobre tradução como partilha.*

Alexis: Não como um bolo que compartilhamos para comer, mas uma partilha que não ataca a integralidade do objeto. Penso em Walter Benjamin que, em seu ensaio sobre a tradução, evoca a imagem da ânfora quebrada e reconstituída a partir dos fragmentos: as peças são todas colocadas no lugar, mas a ânfora não é reconstituída identicamente pois permanecem as linhas de fratura. Por essa operação, as partes permanecem umas com as outras, sem se fundirem em uma única entidade. Uma repartição sem departição.

O que sugere que a noção de *avec* (com) foi esquecida em benefício quer do individualismo quer do comunitarismo. A noção de *avec* se tinge de nostalgia militante, se pensar nos exemplos dos internacionalistas: socialistas, trotskistas, operários. Um operário francês sentia-se solidário a um operário polonês ou um operário americano, tendo consciência da especificidade da sua situação e das suas lutas. Encontramos hoje tais configurações? Os anos das descolonizações podem ter feito crer na persistência do modelo, mas o período atual não mostra exemplos disso. Se a questão da possível voz dos subalternos se impõe (*Can the Subaltern Speak?* de G. Spivak), é porque o espaço unitário lhes falta. Isso não vingou, nem as ditas primaveras árabes, nem o *Occupy* e outros movimentos alternativos. Imagine então o nosso hoje pandêmico! No entanto, a telecomunicação, tornada retórica generalizada, deveria nos fazer refletir sobre o que significa dizer *avec*. Vocês e eu não estamos no mesmo espaço. No entanto, vocês estão comigo e eu estou com vocês, não?

Sabine: *Poderíamos pensar o avec a partir da empatia?*

Alexis: A empatia seria uma identificação, mas menos estrita, não redutora. Eu me projeto sem me perder na projeção. *Einfühlung*, termo freudiano: entrar no outro, como em tradução. Não é uma compaixão que vem de um sistema moral, como se ela fossa uma obrigação, sem garantir que a distância seja ultrapassada.

Alice: *Para pensar a tradução como relação, não seria preciso justamente pensar sobre ela a partir das preposições: traduz-se em, traduz-se de, traduz-se com, para etc. em vez de pensar a partir dos substantivos que dualizam?*

FERREIRA, Alice Maria Araújo; GOROVITZ, Sabine. A Tradução tem o potencial de uma crítica política - Entrevista com Alexis Nouss. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-26, 2021. e-ISSN: 2316-6614.
DOI: doi.org/10.26512/belasinfieis.v10.n4.2021.36758

Alexis: A pré-posição é exatamente o lugar do tradutor. Este ano vou publicar uma obra chamada *Le déportement. Traité du seuil et du traduire* (A deportação. Tratado do limiar e do traduzir), em que tento pensar o limiar como estabelecedor e definidor da posição do tradutor. No limiar de uma sala, vejo o seu interior, posso penetrar nela com os olhos e a mente, sem, todavia, entrar nela - estou no limiar de um texto exatamente da mesma maneira: traduzo enquanto olho o texto em sua língua de origem; depois, reescrevo-o.

A nossa conversa. Consigo ver o interior de suas salas. Desde o limiar, irremediavelmente no limiar, nenhuma violência me permitiria entrar na casa de uma ou de outra. Irremediavelmente no limiar, ou seja, plenamente, absolutamente. No entanto, por nossa fala comum, penso poder, apesar do limiar, entrar nos seus discursos, tenho a impressão de compreender.

Sim, a pré-posição é fundamental, ela me dá uma fundação que não é da ordem da raiz. O limiar se diz *Schwelle* em alemão e Walter Benjamin propôs uma etimologia que alguns linguistas afirmam ser totalmente falsa. Saberia ele? Pretenderia? Afinal não importa, já que nos faz pensar no limiar. *Schwelle*, diz ele, tem a mesma raiz de *schwellen*, que significa inflar, aumentar, crescer, como a rã na fábula; no limiar, nosso olhar vai crescer, inflar para que possa entrar na sala sem, no entanto, se mover. A esse respeito, o limiar é o que torna possível estar com. Isso condena a minha percepção e o meu saber, tornando-os inautênticos porque eu não entrei empiricamente na sala? Flaubert ou Dostoievski, seus universos seriam falsos para o leitor que nunca percorreu seus espaços? A verdade admite a assimetria. Retomarei adiante a questão da assimetria...

Alice: *Tendo em vista o seu percurso acadêmico, podemos observar a sua passagem por várias universidades em todo o mundo. Pode nos apresentar esse percurso e de que forma aquilo que poderíamos chamar de migração acadêmica contribuiu para as suas reflexões atuais sobre a tradução, a migração e o exílio?*

Alexis: Meu percurso, não, não se trata de uma migração acadêmica. É o mercado de trabalho internacional, simplesmente. Eu não tinha emprego, então me mudei para o Canadá. Eu queria voltar para a Europa, a França não me queria, fui para a Grã-Bretanha. E, depois, fui contratado na França.

Eu não conheço a história da Universidade brasileira, mas posso imaginar como aconteceu com os universitários franceses que foram para o Brasil nos anos 1950, 1960, ou os

pesquisadores brasileiros que voltavam da França com um doutorado no bolso. Seria, na verdade, uma migração acadêmica, no sentido em que reproduziria o *translatio studii* da Antiguidade, ou seja, o deslocamento do saber, de Leste para Oeste. Este deslocamento do saber tão precioso para os antigos que percebiam que o saber não podia ser territorializado, correndo o risco de morrer, e que, portanto, a *translatio studii*, para estar viva, deveria se regenerar, migrar. Migração, tradução - retomaremos a possível sinonímia das duas. Em minhas lembranças - das quais não garanto a veracidade – suponho uma impregnação de uma espécie de psique brasileira ou etos brasileiro por universos de pensamento distintos. Semelhante ao que os antropófagos de São Paulo faziam na década de 1930, certo? Vocês conhecem essa história melhor do que eu e vocês fazem parte dela. Aliás, a antropologia e a sociologia francesas foram modificadas por essas migrações.

Se a migração acadêmica é uma característica fundamental da Idade Média - pensemos na rede de universidades europeias -, o fenômeno voltou a acontecer. Um exemplo de migração acadêmica é o da década de 1930 na Turquia. Atatürk, o fundador da nova Turquia, quis criar uma universidade diferente do antigo ensino superior em seu esforço para apagar o que era otomano. Ele mandou o seu Ministro da Educação Superior para a Alemanha e este senhor foi até os professores judeus e disse a eles: "Vocês não podem permanecer aqui. Oferecemos-lhes um passaporte, uma casa no Bósforo, em troca de que venham abrir cátedras na nossa universidade". Muitos concordaram, e assim, até hoje, quando você entra na Universidade de Istambul, você encontra anfiteatros com nomes alemães, judeus-alemães. A universidade turca moderna nasceu dessa migração acadêmica.

Será que a Turquia de hoje se lembra disso, enquanto o atual governo aprisiona professores? No entanto, esse passado permanece importante. Os intelectuais da Índia, Paquistão, Haiti, África que estão atualmente nos campis da América do Norte constituem uma migração acadêmica? Eu não acredito. Suas contribuições se inscrevem em uma economia do saber regulada que, como qualquer mercado, precisa renovar seus produtos, o meio universitário tendo se tornado globalmente o mercado das ideias e dos diplomas. A esse respeito, não vejo grandes diferenças - exceto no financiamento e na administração - entre os três sistemas universitários que conheci, universidade canadense, universidade britânica, universidade francesa. Nas ciências humanas e sociais, as faculdades muitas vezes me parecem fábricas de conhecimentos que circulam em circuito fechado, com pouca incidência social, diferente dos anos 1960 e dos anos seguintes. Pelo menos as ciências exatas se abrem para a aplicabilidade de seus resultados, o que garante os seus recursos

FERREIRA, Alice Maria Araújo; GOROVITZ, Sabine. A Tradução tem o potencial de uma crítica política - Entrevista com Alexis Nouss. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-26, 2021. e-ISSN: 2316-6614.
DOI: doi.org/10.26512/belasinfieis.v10.n4.2021.36758

materiais. No nosso campo, o critério é obscuro: sejam modas intelectuais, sejam inocuidades discursivas, a fim de não questionar a ordem social. É errado acreditar que é possível fazer um doutorado sobre qualquer assunto e que a universidade anseia por todos eles. Sem bolsa de doutorado, não se pode escrever um doutorado, e a concessão de bolsas é tanto aleatória quanto restrita. Houve uma migração acadêmica de ida e volta entre a França e o Brasil no século passado. Mas essa migração é pouco convincente no que se refere ao movimento nos campis anglófonos atuais, até porque não desencadeia nenhuma onda linguística. O todo-inglês reina, absorve, neutraliza, rentabiliza. Processos de tradução? Não, há estratégias de importação entre o Sul e o Norte, entre o Leste e o Oeste.

Eu não sou um sociólogo da cultura e poderia ser criticado pela fragilidade das minhas análises. Para compensar, gostaria de salientar um ponto positivo que não diz respeito à migração acadêmica ou à migração do saber, mas à práxis. Aprendi na América do Norte a ser ingênuo. Quando comecei a trabalhar na América do Norte sobre a modernidade - o que, por exemplo, não teria ousado fazer na Europa -, eu fiz isso estimulado pelo ambiente intelectual, com uma espécie de ingenuidade que se revela como uma virtude hermenêutica. Hans-Gorg Gadamer assim teorizou. Antes de querer compreender, é preciso se espantar, ceder a esse espanto sem se refugiar em certezas pré-fabricadas e no saber disponível, capitalizado. E já que estamos no registro dos agradecimentos, quero dizer que também no Brasil, aprendi – em estadias muito curtas, infelizmente - uma certa relação com a experiência vivida, uma emergência da experiência vivida no saber. Estava chegando da América do Norte, imbuído de um pudor - não dizer "eu" em um anfiteatro, reserva que foi abalada no Brasil. Mais uma vez, não uma tradução do saber, mas uma nova práxis à qual me abro.

Seria eu muito pessimista? No que diz respeito à Europa, penso que a França universitária perdeu seu espírito crítico. Ela não soube herdar o que viveu nas últimas décadas do século XX, os anos de Foucault, Derrida, Lacan, Barthes, Deleuze. A herança parece pesada demais, sendo que herdar é uma forma de tradução. Freud gostava de citar a frase de Goethe que dizia em substância: "Aquilo que herdaste de teus mestres, transforma-o, caso contrário, não se trata de uma herança"[4]. A herança é de fato uma tradução. O texto que passa de uma língua para outra é transformado; uma língua o herda de outra. Ora, não é fácil herdar, nem traduzir. Reproduzir de forma idêntica pode ser uma forma de respeito. Ou não. Podemos não estar à altura da contribuição criativa ou inovadora que foi transmitida como uma herança.

A França de hoje tem dificuldades em herdar. É preciso lembrar que o movimento pela defesa da diversidade sexual, o movimento pela defesa das mulheres, o movimento pela defesa

dos portadores de transtornos mentais, essas lutas em parte emergiram das faculdades francesas. O que está acontecendo nos campi hoje? Os migrantes, os movimentos sociais como os coletes amarelos, a população em situação de rua, a violência doméstica... A universidade francesa teria refletido sobre isso a ponto de construir pontes? Com algumas exceções, a resposta é terminantemente não. A situação sanitária introduziu novas práticas, como a educação a distância; e novos princípios, como a continuidade pedagógica. Sem reflexão, sem concertação.

Alice: *Gostaria de retomar, ou melhor, continuar sobre a ética da tradução. A maior parte dos discursos que tratam diretamente dessa questão apoiam-se frequentemente na tradução do outro e preconizam, portanto, uma ética do acolhimento, acolher o outro. No entanto, nada se diz sobre a versão, ou seja, traduzir-se no outro. É uma relação com a alteridade diferente, tornamo-nos o outro do outro, e isso não aparece nos discursos sobre a ética da tradução. A versão é, de certa forma, quase constrangedora. Não é possível se dizer em outra língua, mas pode-se dizer o outro na sua língua. O que você pensa sobre isso? E como a experiência migrante pode nos ajudar a pensá-lo?*

Alexis: Na minha universidade, coordeno um mestrado em tradução literária. Tenho que lutar contra os colegas que afirmam que podemos traduzir apenas para a nossa língua materna. É uma ilustração exata do que você disse. Não aceitar que podemos nos traduzir no outro é, em outros termos, recusar o outro. Se não considero que há alteridade em mim, um estrangeiro em mim que será solidário com o estrangeiro fora de mim, serei incapaz de reconhecer o outro como um outro.

Há dois elementos. Não traduzir a partir da sua língua materna para outra língua: uma prática pedagógica; não publicar, salvo exceção, textos bilíngues: uma prática editorial. Essa última não é uma questão financeira, pois se a doxa se inclinasse para a edição bilíngue, o mundo editorial proveria os meios para tanto. Por que este descredito inveterado sobre essa prática possível? “Mas não vale a pena! Ou conhecemos a língua do original e, nesse caso, não precisamos da tradução; ou não a conhecemos e, nesse caso, qual a utilidade em expô-la?”. Precisamente, porque é coerente expô-la. Reconheço a língua estrangeira como uma língua outra, reivindico a sua alteridade, acolho-a. Não a compreendo, permaneço no limiar (ver acima) e atuo a partir daí. Não é verdadeiro dizer que, em relação a uma produção semiótica, seja ela qual for, vou ficar completamente atordoado. Frente a uma paisagem, não teria eu

reações? Não vou interpretá-la segundo os meus critérios sensíveis, os meus hábitos culturais? Ainda assim, é a natureza, e a natureza é muda, não fala, não uma língua natural. Diante de um texto em chinês, um texto em uma língua humana, porque virar as costas ou fechar os olhos? Se não posso lê-los, olho para os ideogramas e contemplo-os, deixo-os falar comigo. Consideremos as famosas traduções de Ezra Pound dos poemas chineses. Como se sabe hoje, Pound não compreendia o chinês, ele estava sendo ajudado e alegava uma espécie de meditação frente ao texto chinês, suficientemente longa para que, subitamente, o texto em inglês lhe aparecesse. Ele burlava, bordava a partir de traduções literais, mas o que importa? Acho sua encenação muito poderosa e, para nós, muito significante. Tal como não posso ficar indiferente perante alguém, não posso ficar impassível perante um texto - que é sempre o texto *de alguém*. Deixemos de lado a produção de um computador programado para escrever, cujo estilo não posso acreditar que reproduzirá todos os aspectos que pertencem a uma subjetividade e uma historicidade específica. Demasiado perfeito, demasiado polido (no sentido de lustrado) para ser honesto.

É inútil introduzir aqui a ética de Emmanuel Lévinas, ela já estava presente. Ainda que o outro não fale comigo, ele tem um rosto, e esse rosto fala comigo. Desconheço a situação no Brasil, mas penso que a França é um dos últimos países onde Heidegger ainda tem uma importância filosófica. O que é frequentemente citado de Heidegger remete à sua mensagem de abdicação, *die Sprache spricht*: a língua fala, não sou eu que falo, é a língua que fala em mim. Eu não vou entrar em um embate aqui, apenas observar que o rosto também fala, fala comigo, fala antes que a língua fale.

No livro ao qual você fez alusão, *Traduction et Migration*, Arnold Castelain distingue em seu belo prefácio três momentos: o encontro, a tradução e o instante de verdade. Ele defende com justeza essa sequencialidade, mas não posso, da minha parte, integrar uma tal divisão tripartite naquilo que aqui esboço. Desde o encontro, há verdade e, desde o encontro, há tradução. Como no encontro com alguém, na primeira abordagem do texto, algo acontece. E devo aceitá-lo, não me enrijecer, aceitar o *vibrato*. Deixar-me traduzir pelo outro, ou seja, traduzir-se no outro. O fora torna-se um dentro, empatia. Ou entusiasmo, uma palavra maravilhosa: o *théos* em mim, o divino em mim. O entusiasmo do poeta grego, a divindade que fala nele. A alteridade operante. Não exatamente em mim.

Quando estive em Cuba com François Laplantine, que trabalhou bastante sobre o candomblé no Brasil, nós assistimos a sessões de *Santeria*, ritual que me impressionou muito. O transe como o encavalamento pela divindade. O léxico do rito afro-católico é fascinante e

preciso: o sujeito em transe é cavalgado; Deus não está nele, Ele está sobre ele ou, mais exatamente, está em cima dele, no limiar, basta para estar nele. O sujeito conserva a sua integridade, em suma, enquanto acolhe a alteridade. O tradutor também deve ser cavalgado pelo texto original, abrir-se a ele sem sucumbir a ele. Uma internalização que não conduz à introjeção, facilmente identificadora e fusional, em termos psicanalíticos.

A intimidade entre duas pessoas é da mesma ordem. Se alguém esquecer a troca, o respeito e a relação, esse alguém prepara a violência e a dominação. Tenho dois ex-alunos que trabalharam com a noção de erótico no traduzir, e que lançam sobre ele uma luz semelhante. Entre o dentro e o fora tradutórios, um limiar que acolhe todas as revelações necessárias: a historicidade, a sociedade, as subjetividades, os códigos, os estilos. Esses parâmetros guiarão a operação tradutória. O limiar retém o mergulho fusional. A fusão é o *Google Translate* - cuja utilidade serei o último a negar: uma imensa bacia onde nadam todos os enunciados, cada um deles esperando uma oportunidade para sair fora da água no lugar de outro.

A situação pandêmica nos levou a uma experiência semelhante, ainda mais intensa em período de confinamento. De repente, a interdição do exterior ou um acesso extremamente limitado. Espaços severamente cindidos. O perigo do espaço público, a proteção do espaço privado. Não há mais limiar. O que significa um dentro sem um fora? Um dentro que deve ser meu dentro e também meu fora, já que agora abriga todo o meu mundo? Somente tenho um dentro e devo "inflá-lo" de modo a acolher o que vem de fora, evidentemente traduzindo-o, pois não posso me expor totalmente a ele.

Nesse sentido, o discurso de uma sociedade sobre o seu presente revela também uma operação de tradução, bem-sucedida ou não. Diante da pandemia, não há como não constatar uma atitude de negação generalizada. Em vez de reconhecer a excepcionalidade do nosso presente - repito, a ruptura radical no plano sociológico, mesmo antropológico, que nos obriga a adotar novos comportamentos e que, sem dúvida, nos obrigará a preservá-los -, os governantes procuram gerenciá-lo adaptando os procedimentos existentes, sem inovar, sem inventar. O real, em sua excepcionalidade, não é traduzido ou, melhor, a excepcionalidade do real não é traduzida. Para fazê-lo, seria necessário um aguçado senso da história que colocaria em comparação as diferentes épocas. Lembremos que o filósofo que propôs um pensamento da história mais adequado às nossas modernidades, Walter Benjamin foi também aquele que pensou a tradução exercendo a influência que conhecemos. Temo que o sentido da história seja hoje apagado pela dupla lei do presente hedonista e do lucro imediato. Sem surpresa, a

crise ambiental (aquecimento etc.) já havia mostrado que uma consciência informada pode perfeitamente acompanhar uma recusa em agir.

Outro elemento atual para refletir a conjunção / disjunção entre o interior e o exterior: a máscara. Um hábito inédito para os não asiáticos. Em vez de vivê-la como um constrangimento, poderíamos pensar: isso parece uma prática que conheço, a tradução; e a aproveito para aprofundar a experiência. Com a máscara, passeio a minha interioridade no exterior: a parte inferior do rosto coberta por um envelope de tecido, me sinto em casa estando fora. Quando traduzo, tenho que estar totalmente no texto, exterior, e, ao mesmo tempo, tenho que estar na minha interioridade língua-cultura-subjetividade. Do contrário, não traduziria para a minha língua e produziria, como em Borges, uma repetição do texto ao idêntico. Não, eu tenho que sair sem me abandonar ao exterior.

A tradução oferece um repertório extraordinário de experiências e considerá-la apenas como a transferência de uma língua para outra reduz o seu alcance. A tradução assim me ajuda a pensar a relação dentro / fora, passo pela tradução para compreender o que isso quer dizer e assim não ser submetido à empiria. Dentro / fora sem mediação equivale à brutalidade da oposição versão / tradução, ao passo que traduzir me ensina a ligação, o deslizar. Traduzir, como diz Henri Meschonnic, mais que tradução, para insistir na ação e no agente humano. A tradução tem muito a nos ensinar. Vivemos verdadeiramente uma mudança de cultura e de civilização que permitiria que o paradigma da tradução substituísse o paradigma da comunicação? A diferença é essencial: a comunicação exige um circuito sem obstáculos, sem impedimentos e, quando ela os encontra, ela os evita. Não é melhor reconhecê-los, admiti-los, integrá-los? Aceitar a alteridade ao invés de desviar delas.

A migração nos coloca diante de um desafio da mesma ordem. Acolher o migrante é acolhê-lo como ele é, sem pedir a ele que se vista ou se alimente como eu. O que não é necessariamente fácil. Permita-me uma anedota pessoal. Trabalho com o acolhimento de migrantes - erro de tradução desse termo geral porque são migrantes particulares, muito particulares, que migram simplesmente para viver, para sobreviver, não para viver em melhores condições. Razão pela qual escolhi chamá-los de exilados – e tive a oportunidade de cuidar de uma jovem da Eritréia, ou que se autodeclarava iritreiense, o que me deixava feliz porque, na época, se concedia refúgio aos iritreienses com relativa facilidade na França. Minha esposa e eu nos tornamos muito próximos dela, próximos o suficiente para acompanhá-la ao hospital quando a sua criança nasceu. Somente meses depois, ela nos disse: “Não sou iritreiense. Sou etíope”. E a minha primeira reação foi dizer: “Ela mentiu para mim”. Eu me senti traído. Mas

por que? Fui apenas vítima de uma ideologia da comunicação, da transparência. O "dizemos tudo um ao outro" das relações de confiança, como se o "tudo" fosse uma garantia de sinceridade. Ora, ao fazer isso, eu a ignorei, em sua alteridade, em sua respiração, em seu lugar-no-mundo. Recusei-me à tradução. Vamos deixar o paradigma da comunicação para a circulação globalizada, de mercado econômico em mercado econômico no mercado mundial, e vamos aprender, por meio da tradução, o direito à resistência.

Sabine: *A proposta deste número, "Tradução como resistência e subversão", é a de um diálogo sobre a tradução como ato de resistência e subversão política. Trata-se de refletir sobre sua capacidade de desfazer, subverter e mudar as relações de assimetria linguística e sociocultural e de colocar em perspectiva a tradução e os direitos linguísticos, sugerindo uma reflexão sobre os direitos de tradução: o direito a ser traduzido; o direito de traduzir e o direito de se traduzir. De que tipo de engajamentos você acha que uma tradução pode se valer?*

Alexis: É traçado um campo conceitual essencial acerca da "simetria". Em sua pergunta, você diz: "sua capacidade de desfazer, subverter e mudar as relações de assimetria". É sem dúvida necessário, de um ponto de vista sociopolítico, romper com a assimetria que existe, por exemplo, entre a língua anglo-americana e todas as outras. Mas, de um ponto de vista fenomenológico, creio que a tradução deva se pensar de uma perspectiva ética, no sentido levinassiano, um exercício de assimetria e aceitação da assimetria. O outro está para além de mim e me é anterior. "Nunca chego lá", diz Lévinas. Jamais posso encontrar o outro, entregar-me a ele, pois nunca posso conhecê-lo, não em sua totalidade. Assim, não posso dominá-lo, ser seu mestre. O outro permanece outro, portanto ele próprio. É impossível atender a todas as suas necessidades. Estarei sempre um passo atrás, sujeito à assimetria da nossa relação. Na tradução tampouco posso chegar lá e jamais poderei; ou seja, jamais chegarei à tradução perfeita, exatamente ao mesmo texto, em outra língua, na presunção de declarar "Eu sei o que o outro quer de mim". Eu não sei o que o texto quer de mim – e tampouco sei o que qualquer um, de modo geral, quer de mim. Primeiro, porque não sou o autor – daí a importância do ler e escrever, a que você se referiu. Segundo, porque há sempre um lapso temporal entre a escrita e a entrega do texto pelo autor, quer seja de três segundos, três meses ou três séculos. Uma assimetria evidente, esmagadora. Dois exemplos, o primeiro bem concreto. Migrantes sudaneses na Alemanha. Como eles não fazem suas necessidades como os ocidentais, ficaram perplexos com os banheiros que o governo alemão disponibilizou nas residências pré-fabricadas feitas para abrigá-los. Então, um engenheiro alemão construiu uma espécie de escadinha com uma

FERREIRA, Alice Maria Araújo; GOROVITZ, Sabine. A Tradução tem o potencial de uma crítica política - Entrevista com Alexis Nouss. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-26, 2021. e-ISSN: 2316-6614.
DOI: doi.org/10.26512/belasinfieis.v10.n4.2021.36758

pequena plataforma para que pudessem usar o vaso sanitário em uma posição agachada. Me desculpem pelo exemplo xucro, mas que revela a verdade da vivência, uma assimetria que precisa ser reconhecida. “Eles não fazem como nós? - Não, eles não fazem como nós e eles têm o direito de não fazer como nós”. O mundo é assimétrico: não fazemos nossas necessidades da mesma forma, não tocamos música da mesma forma etc. Dar aos migrantes o direito de migrar e de tocar música à sua maneira. Acolher essa música, traduzi-la.

O livro que acabei de publicar *Droit d’exil* (Direito de exílio), cujo título sugere um trocadilho com direito de asilo (*droit d’asile)*: o direito de asilo é concedido pelo país anfitrião. O direito de exílio é exercido pelo migrante, ele o possui. Seria possível prover todas as necessidades migratórias, todas as necessidades do exílio? Seria sim. Se pensarmos na Europa hoje, com 450 milhões de habitantes, o número de pedidos de asilo é uma gota no oceano. “Não é possível acolher toda a miséria do mundo”, dizia Michel Rocard, acrescentando: “Mas devemos fazer nossa parte”, uma fala ignorada. A ética está justamente no querer acolher toda a miséria do mundo, independente do que é possível ou não. Então é algo impossível? Não na ética. A desconstrução derridiana nesse caso é preciosa: se o possível se torna possível, é porque ele perdeu sua validade, fruto de cálculos e de estratégias. Ele só assume seu pleno valor em relação ao impossível, uma assimetria que é sua garantia e seu horizonte.

Os migrantes não falam nossa língua, falam tantas outras línguas que não conhecemos, o que resulta numa assimetria linguística inevitável já que agora os migrantes vêm de todos os cantos do mundo. É preciso encontrar intérpretes *in loco*, por telefone ou pela internet. Já para Adorno, não podemos aceitar a realidade tal como a realidade se dá, porque isso nos tornaria cúmplice dos poderes que querem manter a realidade como ela está, em benefício próprio. Traduzir o real dentro do possível, do impossível que traduz a multiplicidade dos possíveis. Traduzir é traduzir o intraduzível, caso contrário, seria somente transcodificação. Não podemos nos satisfazer com a normalidade e muitos menos com a normalidade artificial, do tipo “continuidade pedagógica”, quando os estudantes estão em ruptura social, desamparados.

Resistir vem afirmar o intraduzível. Sempre haverá um resto, um quê de intraduzível que nunca serei capaz de dominar, seja no texto que leio ou no migrante que acolho. O intraduzível faz parte do processo tradutório e deve permanecer intraduzível no texto traduzido. Que leitor autóctone pode afirmar que desvendou tudo de um texto? A intraduzibilidade é a subjetividade do texto a ser traduzido, sua intimidade, a verdade do outro. Lévinas dizia que amar o outro é ignorar a cor dos seus olhos para conservá-lo em toda a sua alteridade. Outro intraduzível, o pior, dirão alguns, é o intraduzível absoluto da morte. Aqueles que vieram pelo Mediterrâneo,

me refiro aos migrantes que conheço, não apenas correram risco de morte, mas a encontraram e carregam-na dentro deles, carregam o intraduzível. Mães com crianças de colo entram nessas embarcações sabendo que seus bebês correm o risco de morrer. Antropologicamente, é algo a se refletir. A única referência que me vem à mente é o sistema genocida nazista, quando alguns pais também preferiram matar seus filhos antes de serem enviados à câmara de gás.

As gerações anteriores migravam para viverem melhor, a de hoje migra para viver, simplesmente. Viver é correr o risco de morte. Os mortos não vivem porque não correm o risco de morte – eles já estão mortos. Nós corremos o risco de morrer de forma abstrata. Mas os migrantes correm o risco real da morte e muitas vezes a encontram. Na travessia do deserto, em prisões ou câmaras de tortura libanesas e nas embarcações, companheiras e companheiros de viagem morreram. E os migrantes seguem com essa morte neles, dentro deles. Como esse algo intraduzível. A assimetria total e absoluta.

Nos afastamos muito do processo tradutório? Não. No momento em que o texto é traduzido, ele morre em sua língua anterior e carrega nele essa morte. Essa morte do texto pode ser ignorada, já que o faço reviver na minha língua. Contudo, não devo esquecê-lo, como uma parte irredutível do intraduzível. Ao trazer o texto para a minha língua, faço advir a morte nele. Isso pode parecer inutilmente grave e ridiculamente solene. Ora, viver é grave, em alguns momentos, mais do que em outros. Essa teatralidade - podem me acusar de ser teatral demais, tudo bem - é também o que quero transmitir aos estudantes. Traduzir é grave, como a vida.

Retomando a questão da verdade. Se o migrante mente para mim, não devo respeitá-lo em sua mentira, já que eu ignoro o contexto moral que faria dessa mentira uma transgressão? Verdade significa transparência? Um texto opaco e hermético seria necessariamente falso? Muitos textos fundadores possuem autoridade e importância precisamente por sua impenetrabilidade e interpretabilidade infinita. Quem pode afirmar que a nossa própria verdade seja transparente? Até para mim mesmo guardo segredos; não posso, portanto, acusar o outro por não me revelar os seus: “um mísero amontoado de segredos”, dizia Malraux sobre o humano. Todo conceito deve ser desconstruído para medir seu valor. Fraternidade? Me parece suspeita. O que define o irmão? Não a fraternidade em si, mas uma instância que ultrapassa o indivíduo e a família, fundada em normas e, por isso, potencialmente exclusiva. Você e eu poderíamos ser considerados irmão e irmã por sermos professores universitários, parte da grande família acadêmica? E em alguns anos, quando eu me aposentar? Também desconfio da igualdade, que não dá conta da assimetria da qual falávamos antes. Já a liberdade, para fechar o ternário republicano, ainda é o conceito mais capaz de dar dignidade a cada ser humano. Eu

sou livre para te acolher e você é livre para vir à minha casa. Você também é livre para recusar a minha hospitalidade, assim como eu sou livre para não te receber. A permanência da liberdade funda sua impermanência, na sua renovação, no seu movimento constante. Camus nos lembra que mesmo Sísifo, enquanto ser consciente, conserva a liberdade de ser feliz.

Alice: *A mentira seria uma liberdade: a liberdade de mentir e, ao mesmo tempo, uma resistência – a resistência do texto (do migrante), a opacidade em Glissant.*

Alexis: Com certeza. Pode-se questionar a premissa de Kant que vê a mentira como uma falha moral. Então, se um policial me questiona sobre meu irmão, um bandido, que está escondido no meu porão, eu não teria o direito de mentir e dizer que eu não sei de seu paradeiro? Depois de tudo que aconteceu na história ocidental, a colonização, a escravidão e os genocídios, pode-se admitir o direito à mentira para salvar vidas. No texto, há também elementos que podem ser considerados, não como mentiras, mas como dissimulações. Do contrário, qualquer máquina seria capaz de traduzir. É precisamente por causa da dissimulação que preciso me traduzir no outro para compreender o que acontece. Para compreender a porção de dissimulação, tenho que entrar nesse sistema, compreender onde está a dissimulação. É um verdadeiro deslocamento em direção ao outro. Isso pode ser chamado de mestiçagem, como vocês bem sabem. Mas a Europa, com a qual tenho mais familiaridade, não entendeu nem um nem outro. Nos anos 1990, havia um encontro marcado com a mestiçagem. E a França faltou ao encontro. Hoje, também faltou ao encontro marcado com a migração. Os dois são similares e correspondem à recusa do outro.

Alice: *Entre os anos 1990 e 2000, você publicou dois livros com François Laplatine, Le métissage (Flammarion, 1997) e Métissages, de Acrimboldo à Zombi (Pauvert, 2001), e também Plaidoyer pour un monde métis (Textuel, 2005) de autoria própria. Esse conceito está presente em suas reflexões atuais sobre tradução, migração e exílio?*

Alexis: Acolher o migrante é aceitar que eu me mestice, incluir algo dele ou dela em mim. A mestiçagem é sair de mim. Esquecer a escola e aprender uma aritmética não-ortodoxa. Normalmente, uma identidade se define em 100 %. Eu sou 100 % homem ou 100 % francês. Mas ser mestiço é ser 200 %, 300 %. O brasileiro com suas três origens seria idealmente 100 % indígena, 100 % africano e 100 % europeu. Sim, posso ser 100 % francês, mas em algum

momento também fui 100 % brasileiro. Que não me venham dizer que não falo português ou que danço mal o forró (quando estava em Fortaleza), eu estava fora de mim (no bom sentido), estava sendo acolhido pelo Brasil. Fantasia? Não mais do que se considerar 100 % francês! Saio do meu dentro, vou em direção a um fora e reinstalo um dentro nesse fora, provisoriamente, mas a 100 %.

Isso não pode ser confundido com o multiculturalismo, que não é sinônimo de mestiçagem. O multiculturalismo se iguala à justaposição, ou mesmo à guetorização, sem expectativa de interação ou de deslocamento entre as partes. A mestiçagem é realmente complexa. Não podemos negar que culturalmente o Brasil é mestiço, mas, politicamente, absolutamente não, hoje menos do que nunca. Em Cuba, é a mesma coisa. Devemos reconhecer e examinar essa dissociação entre o cultural e o social. O texto traduzido é um texto totalmente mestiço, escrito na língua hospedeira com uma memória da origem e do trajeto, o outro lugar ainda presente. Como é estúpida a máxima "Deve-se traduzir como se o autor tivesse escrito na língua de chegada". Mas o fato é que ele não escreveu na língua de chegada! O texto que ele está lendo é uma tradução, um texto que se quer tradução. Dessa forma, é trabalhado pelo intraduzível, pela morte, no sentido anteriormente esboçado. A morte como conceito ou como tradução de uma experiência. E a força desse conceito é justamente a ideia de um resto irredutível, intraduzível. Um vazio que jamais será preenchido. Quando traduzo, devo respeitar essa parte que sempre irá permanecer entre o texto traduzido e o original. Assim, o mesmo ocorre no caso do migrante, sempre há algo que não posso preencher. Até mesmo no caso dos descendentes de migrantes. Como por exemplo, a revolta dos jovens da periferia das grandes cidades, nascidos na França, que frequentaram escolas francesas, sem prática religiosa. De repente, se declararam do islam. Um jovem de origem magrebina que se diz mulçumano sem conhecer o mundo árabe e sem frequentar a mesquita. Nesse caso, ele traduz o intraduzível, ele reivindica uma transmissão que não ocorreu. Ao fabricar uma identidade, ele procede, ou *bricola* (no sentido nobre teorizado por Lévi-Strauss), por tradução.

Pude constatar outra situação parecida ao visitar a Bahia – fiquei fascinado pela cidade de Salvador: eu via jovens com *dreadlocks* escutando *reggae*, e não entendia. Essa cidade tão rica de cultura negra brasileira, mas eles não a querem. De certo, não querem ser folclorizados: Todos os Santos, o carnaval, Jorge Amado. Por isso, procuram na Jamaica uma identidade própria. É um núcleo intraduzível, porque a Jamaica está bem longe e o contexto histórico é bem diferente, algo suscetível de tradução e material para um trabalho de autocriação. A

FERREIRA, Alice Maria Araújo; GOROVITZ, Sabine. A Tradução tem o potencial de uma crítica política - Entrevista com Alexis Nouss. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-26, 2021. e-ISSN: 2316-6614.
DOI: doi.org/10.26512/belasinfieis.v10.n4.2021.36758

democracia das identidades, a possibilidade de mestiçagem, sem cair em uma equivalência generalizada.

Retomemos o exemplo dos movimentos altermundialistas ou *Nuit debout,* como são chamados na França. Minha sensibilidade política me deixa nostálgico dos esquemas internacionalistas e das lutas programadas, aquelas que seguem um programa político e, se possível, um manifesto. Seria apenas um problema de geração? Não somente, porque esses novos militantes enfrentam algo de intraduzível: como traduzir a sujeira do mundo contemporâneo em termos racionais e a partir de uma rede conceitual simples? Há algumas décadas, a situação era bem simples: de um lado os capitalistas do mal e do outro, estávamos nós, no lado do bem. Mas hoje, onde está o inimigo? O inimigo é o Trump (não mais, ainda que…), Bolsonaro e Erdogan, mas também Monsanto, Nike, e Google, além do mercado financeiro, do narcotráfico, as contas ocultas, os poluidores e o aquecimento global… O intraduzível, vasto demais, disseminado demais. No entanto, seguem enfrentando esse inimigo. É por isso que a tradução serve como um modelo político. Nós tradutores, sabemos que o intraduzível é o que motiva, guia e estimula o nosso trabalho de tradução. O mesmo pode ser dito dessas novas movências políticas.

Sabine: *Você faz parte da associação AGIR, na qual você dá uma assistência aos solicitantes de refúgio, preparando o depoimento que deverá ser apresentado ao agente da OFPRA (Oficio Francês de Proteção de Refugiados e Apátridas). Talvez isso também seja uma forma de tradução? Poderia contar como exatamente você ajuda os imigrantes a escrever seus depoimentos? Quais orientações você considera relevantes para os intérpretes comunitários?*

Temos um projeto universitário de extensão que disponibiliza serviços de mediação linguística aos migrantes durante a entrevista de solicitação de refúgio, e também diante das instituições públicas, principalmente em contextos médicos ou jurídicos. Oferecemos uma formação básica de intérpretes comunitários e agentes públicos, mas não temos nenhuma ação como essa voltada para o migrante.

Alexis: Sobre o trabalho que faço com a associação AGIR, onde ajudo os solicitantes de refúgio a preparar seus depoimentos para a entrevista da OFPRA, devo dizer que, infelizmente, defino esse trabalho como o completo oposto daquilo que é a tradução, pois sou obrigado a ajudá-los a escrever aquilo que a OFPRA espera; é como uma forma de não-tradução. E ainda assim, será que eu seria capaz de traduzir, ou eles próprios seriam capazes de traduzir tantos

traumas e violências íntimas? Ignoramos sua história quando os orientamos: “Aqui, vista essa roupa; não foi feita sob medida, mas é um *prêt-à-porter* que lhe cairá bem”. O que mais se pode fazer? O oficial de elegibilidade suspeita: “Então, você disse ter passado por tal cidade. Quantas casas tinham nela? Você chegou a que hora? E saiu a que hora? E o nome do seu passador?”. Quando um solicitante diz ter sido açoitado, ele praticamente é obrigado a levantar a camisa. Então, dentre uma lista de situações testadas como aceitáveis, optamos pela mais plausível, a mais adaptada. Eu acredito que essa França que exige um depoimento escrito prévio para montar um dossiê e preparar uma entrevista de solicitação de refúgio – nem todos os países fazem isso – é a França do ditado e da ortografia engessada.

Alice: *Ao invés de traduzir, interroga-se.*

Alexis: Sim, é um interrogatório. Ou uma inquisição. O que nos faz questionar a interpretação. Quem são os intérpretes? Sua identidade não é verificada. Para os Eritreus, por exemplo, os intérpretes são requisitados na embaixada da Etiópia, sendo que os dois países estão em conflito. Mesma coisa para os Etíopes, a embaixada da Etiópia é acionada, ainda que o país veja os exilados com maus olhos. Além disso, tem o problema dos migrantes que não falam a língua oficial do país (a língua do intérprete), somente os dialetos. Ao invés de pensar a migração a partir do modelo da tradução, é o contrário que ocorre: a tradução é secundária e precisa adaptar-se, apesar dos pesares, da melhor forma possível, à situação migratória.

Abrindo um parêntese na nossa entrevista, gostaria de evocar um fenômeno, menos dramático e mais leve, a *fan translation*. Devido à grande onda de mangás japoneses que levam de um a dois anos para serem traduzidos, muitos fãs, estudantes de japonês de vários níveis, disponibilizam suas traduções na internet para saciar os ávidos leitores. Eles não são tradutores oficiais diplomados. Muitas vezes são estudantes de japonês de ensino superior ou mesmo sem nenhuma formação acadêmica. Eu admiro a dimensão fortemente subversiva do fenômeno. “Não é preciso ter um diploma de japonês da Inalco (Instituto francês das Línguas Orientais), o que importa é traduzir”. E nesse caso, se traduz o intraduzível. Vão se virando até que, no dia seguinte, apareça uma nova tradução (talvez) melhor. É, ao mesmo tempo, uma subversão e um desejo de abertura permanente. É um registro da tradução na história.

Infelizmente, com relação à migração, a abertura não é a palavra de ordem. É o oposto, a rigidez prevalece. Exigimos que os migrantes analfabetos escrevam um depoimento ao OFPRA. É tão inconcebível que as pessoas não saibam ler e escrever? A França não se

questiona sobre isso. Igualdade na escrita! Ela impõe a escrita como os exploradores na América do Sul que agitavam um pedaço de papel na frente dos autóctones de cultural oral, dizendo: “Eis a lei nesses signos escritos”. É subversivo reivindicar o direito à não escrita, ou seja, em suma, à tradução? Quanto à relação dentro-fora da qual falávamos anteriormente, o que ela deve significar para os migrantes sem abrigo durante a covid-19? Em Lesbos, por exemplo, o campo de Moria, que foi construído há cinco anos para abrigar 10 mil pessoas, hoje abriga cerca de 70 mil migrantes ao ar livre, ainda que confinadas. Presas no confinamento.

Quando a vontade de abaixar os braços é forte demais, o anjo da tradução nos sorri e nos convida a continuar, porque na tradução, nada é definitivo. Hermes é o deus dos tradutores, mas também dos viajantes e dos ladrões. Sinto-me muito mais inclinado a segui-lo do que a rezar para São Jerônimo. A paisagem evocada pelas línguas ou textos, tanto de partida quanto de chegada, descrevem um itinerário delimitado demais. A vida não é delimitada, mas repleta de aventuras estéticas, políticas e morais.

Alice: *Você poderia comentar a relação entre os estudos da tradução e a antropologia, para além da chamada virada cultural da tradução? Principalmente a etnografia, uma escrita da relação.*

Alexis: Eu gostaria de responder ampliando a questão ao escopo mais geral das ciências humanas. De fato, uma virada cultural tal qual a virada linguística anterior. Mas tenho a impressão de que uma nova virada está prestes a ocorrer em consequência da dissolução da fronteira entre o humano e o natural. O movimento ecocrítico, uma tendência crescente, estuda o humano como um simples agente na corrente da vida. Isso é verdade biologicamente e ecologicamente, mas é ideologicamente é passível de discussão, pois os seres vivos humanos possuem suas particularidades determinadas pela cultura e pelas categorias da cultura, o que atesta, se não uma ruptura, pelo menos um distanciamento da natureza. O perigoso fim de um humanismo, com o qual sigo comprometido, corrigindo certas coisas e reformando outras, mas que sustenta um fundamento ético insubstituível.

De um lado, essa natureza grandiosa que mantém o fluxo circulando, e do outro, o humano que simultaneamente faz parte desse fluxo e o freia, ou até o interrompe, quando, precisamente, o traduz em pensamentos e linguagem. Sobre isso, Lévinas escreveu um texto fundamental, encontrado em *Difficile liberté*. Era na época de Gagarin e do primeiro Sputnik. Enquanto o astronauta orbitava em torno da Terra, Lévinas fazia uma formidável análise

argumentando que nunca um humano foi tão humano quanto Gagarin em seu satélite. Lá, naquele momento, ele era apenas humano, sem nenhuma conexão com a natureza, por um lado por estar a 10 mil quilômetros da Terra e por outro por estar cercado exclusivamente por aparatos tecnológicos. Ele é 100 % humano em uma situação fora do alcance da natureza.

Em contrapartida, a sensibilidade ecocrítica tende a dissolver a humanitude do humano, enxergando-o apenas como uma engrenagem da grande máquina produtora de vida que é a natureza. Além disso, ainda acrescentam próteses a esse humano que contribuem para retirar sua humanitude. Ele não parou de inventar ferramentas, mas essas eram exteriores, não extensões semi-orgânicas: o celular é a etapa final antes de nos implantarem chips por todo lugar.

Os dois movimentos (toda-natureza e toda tecnologia), cuja conivência apaga a contradição, suspeitam da soberania do humano enquanto tal, excluindo aquilo que o coloca numa posição traduzinte. Eu devo traduzir a natureza, pois não faço parte dela, ao contrário de um animal que não precisa traduzi-la. O humano precisa fazer essa tradução para alimentar o seu saber, sua sensibilidade, no intuito de construir o seu mundo no mundo. Da mesma forma, eu devo traduzir a tecnologia, compreender seus desafios, e não somente me render a ela de corpo e alma. Sob a perspectiva, não da teoria da tradução, mas da filosofia da tradução, a tradução é como um campo conceitual que me permite decifrar a história e o real; por isso o risco de o humano ser amputado da sua capacidade tradutória.

Antes de ser um animal falante o ser humano é um animal tradutor. O recém-nascido já começa a traduzir, e isso está além do mero instinto. Ele sente fome e traduz essa sensação chamando a pessoa responsável pela sua alimentação que, por sua vez, traduz o seu chamado. Na vida intrauterina, ele traduz os impulsos que o atingem e desenvolve-se a partir deles. A tradução, seja do mundo para si ou de si para o mundo, é uma faculdade humana fundamental. É preciso retornar a ela, compreendê-la como um alicerce, anterior à fala. Uma condição pré-linguística à qual a meditação ou uma emoção como a emoção estética buscam nos remeter. Kafka conta a história de um campeão de natação que enfrenta dificuldades pois se lembra do tempo em que ele não sabia nadar. Será que podemos nos lembrar da época em que não sabíamos falar? Quando não fazíamos nada além de traduzir?

Alice: *Quando traduzimos a natureza ou o outro em vez de escutá-los se traduzir, não estaríamos falhando na escuta?*

Alexis: Essa questão de emudecer a natureza e o outro pela tradução é difícil, pois torná-los mudos é como lhes corta a palavra. Será que isso é possível? Será que sou capaz de estar frente a alguém ou à natureza e me fechar para tudo que viria dessa natureza ou desse outro? Sem cair em uma violência totalitária?

Lévinas foi questionado sobre algo similar. A assimetria, o rosto do outro, aquele com quem estou sempre em dívida e de quem sou refém, pois o "para-outro" vem antes do "para-si" e o define. Mas, quando estamos diante do carrasco? Isto é, o nazista tinha um rosto? Lévinas não propõe uma resposta clara ou definitiva. A relação ética é de nunca ficar surdo ao outro, escutar o outro e jamais estar numa posição na qual o outro fique mudo; é estar sempre preparado para o traduzir. Que a fala seja sempre concedida à natureza é evidente, mas e ao humano? O humano que teria rompido o pacto de humanitude?

Sabine: *Eu gostaria de retomar sua reflexão anterior sobre esse grande movimento de tradução para o inglês, principalmente no meio científico. Nos leva a pensar sobre um inglês que, talvez, esteja se ampliando, se crioulizando, que se mestiça, ouso dizer. Ou, pelo contrário, todas essas línguas, aos poucos, se reduzem ao mesmo. Tais movimentos tradutórios que, ao mesmo tempo que dificultam uma maior escuta às línguas, também oferecem maior visibilidade.*

Alexis: Você é a sociolinguista, não eu! No entanto, parece-me que o inglês não se criouliza de forma alguma. O inglês internacional, dos aeroportos e das mídias internacionais, essas línguas gravitam em torno de um núcleo restrito e homogêneo, tanto semioticamente como semanticamente.

Alice: *(...) Não se aprende o inglês da mesma forma no Japão, na França ou no Brasil, pois as relações entre línguas são diferentes. Não nos traduzimos da mesma forma para o inglês, não o afetamos da mesma forma. Com isso, se pode considerar uma crioulização na e pela versão ou auto-tradução? Retomando a questão da versão que reencontramos na escrita de alguns autores.*

Alexis: No meio literário, é inegável que a literatura inglesa aceita cada vez mais seus "estrangeiros", se abrindo para a diversidade dos usos e estilos e colocando o inglês indiano, africano etc. em um nível de igualdade. Já na literatura francófona, o francês caribenho, por

exemplo, ainda carrega, muitas vezes, uma exoticidade. Derek Walcott recebeu o Nobel de Literatura, e não de Édouard Glissant, ainda que sejam autores de mesmo calibre e perfil similar. Isso porque a França nunca fez lobby em Estocolmo em favor de Glissant, que também merecia. E ela não o fez, porque nunca deu o devido reconhecimento ao autor.

Alice: *(...) Pode-se falar, pensando em uma ética da tradução, de uma prova do migrante e daquilo que ele provoca na língua de chegada quando ele se traduz, habitando-a?*

Alexis: O trabalho da língua ou sobre a língua começa com o próprio glossário da migração, com o termo migrante. Meu trabalho em *La condition de l'exilé* (2018 [2015]) buscou reintroduzir a noção de exílio e o termo exilado. O termo migrante implica uma lógica da chegada, induzida pela sua própria forma gramatical, ou seja, um particípio presente. Quando ele chega, ele deixa de migrar. Na ideologia comum, a vocação do migrante é se tornar cidadão, esquecer a migração – o senhor Sarkozy queria criar o Ministério da Imigração e da Cidadania, como se a primeira conduzisse organicamente à segunda. Enquanto o exilado guarda uma memória, representada pelo prefixo "ex" que significa, para além das etimologias, "eu venho de algum lugar". O migrante pressupõe uma lógica em que o polo de chegada e de integração prevalece sobre o polo de partida, enquanto que no "exílio" o polo de partida resiste. É exigido do migrante que perca o seu sotaque na nova língua, mas o exilado irá mantê-lo. É interessante notar que reencontramos o léxico da tradutologia clássica: partida (língua, cultura, texto) e chegada (língua, cultura, texto), uma polaridade que prefiro substituir por origem e acolhimento.

A situação dos imigrantes japoneses no Brasil e seu estatuto, por exemplo. Seria uma tradução impossível, tendo em conta a distância entre as duas culturas e as duas histórias? Como historicamente esses japoneses foram aceitos pelo Brasil, como foram recusados, tolerados ou integrados? Não seria um caso de tradução? Nessa perspectiva, diria que o exilado é o que é porque zela pela parte intraduzível que há dentro dele, o que o migrante, submetido à pressão social, buscará dissolver.

Alice: *Pensar uma prova crítica e criativa a partir da condição do exílio apresentada em seu livro nos parece urgente hoje para pensar precisamente a movência e a opacidade, por um lado, e, por outro, a subversão e a resistência ao/do que se instaura como normal. Infelizmente, o tempo nos domina e a distância é reforçada pelo fuso horário; assim, devemos, não concluir, mas adiar nossa conversa. Muito obrigado por ter aceitado generosamente o*

nosso convite e por este agradável momento na sua companhia. Esperamos poder convidá-lo a vir a Brasília assim que a pandemia de covid nos deixar respirar, para continuar essa conversa e trocar experiências. Muito obrigado e até breve.

Alexis: Muito obrigado.

[1] Esse texto em português é a tradução da entrevista conduzida e transcrita inicialmente em francês e publicada nesse mesmo número da revista Belas Infiéis. A tradução da entrevista para o francês contou com a participação de duas alunas de estágio supervisionado do curso de tradução-francês da UnB, Camila Côrtes da Silva e Amanda Aguiar de Castro Santos.
[2] Office Français de Protection des Réfugiés et Apatrides (Órgão francês de proteção dos refugiados e apátridas)
[3] Nesse texto, o uso do masculino objetiva somente tornar a leitura mais leve.
[4] Tradução própria a partir do francês, adaptada.

FERREIRA, Alice Maria Araújo; GOROVITZ, Sabine. A Tradução tem o potencial de uma crítica política - Entrevista com Alexis Nouss. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-26, 2021. e-ISSN: 2316-6614.
DOI: doi.org/10.26512/belasinfieis.v10.n4.2021.36758